



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

DESIGN E IDENTIDADE:

ESTUDO DE CASO DA LOJA COLABORATIVA POP AFRO MADU

Design and Identity: a case study of the collaborative store Pop Afro Madu

Oliveira, Matheus Dias de; Mestre; ESPM-Rio, mmdiass.design@gmail.com¹

Contino, Joana Martins; Doutora; ESPM-Rio, joana.contino@espm.br²

Resumo: O design, por meio de objetos e imagens, exerce papel central na expressão das identidades sociais e culturais. Esta pesquisa analisa o design e a estética do produto como formas de comunicação do movimento negro, fortalecendo a identidade negra no Brasil. O estudo investiga a Pop Afro, loja colaborativa no Madureira Shopping – Rio de Janeiro, que promove apoio entre afroempreendedores. O foco está em estampas afrocentradas e adornos com referências africanas como símbolos de resistência. Destaca-se como o design pode desafiar estilos eurocêntricos e valorizar a cultura afro-diaspórica.

Palavras-chave: Design; Identidade; Negritude.

Abstract: Design, through objects and images, plays a central role in expressing social and cultural identities. This research analyzes design and product aesthetics as forms of communication within the Black movement, strengthening Black identity in Brazil. The study investigates Pop Afro, a collaborative store in Madureira Shopping – Rio de Janeiro, which fosters mutual support among Afro-entrepreneurs. The focus is on Afro-centered prints and adornments with African references as symbols of resistance. We highlight how design can challenge Eurocentric styles and value Afro-diasporic culture.

Keywords: Design; Identity; Blackness.

¹ Designer e pesquisador da cultura negra, mestre em Economia Criativa, Estratégia e Inovação pela ESPM Rio. Investiga memória, identidade e design.

² Professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação Profissional em Economia Criativa, Estratégia e Inovação da ESPM Rio (PPGECEI). Doutora em Design pela PUC-Rio.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

A presente pesquisa tem como foco de estudo a loja colaborativa Pop Afro, localizada no Madureira Shopping, Rio de Janeiro. A loja desempenha um papel fundamental ao reunir empreendedores negros e proporcionar um espaço de expressão e afirmação da identidade étnico-racial. Por meio do design e das estampas afrocentradas em seus produtos, a Pop Afro se torna uma poderosa forma de comunicação do movimento negro, da reconstrução da diáspora africana e da valorização da cultura afrodescendente na sociedade brasileira contemporânea.

Neste estudo de caso, utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa, com foco na coleta de dados detalhados e ricos em informações sobre a experiência dos empreendedores e clientes da loja colaborativa Pop Afro. Optamos pela abordagem de estudo de caso devido à sua capacidade de explorar em profundidade um fenômeno específico, permitindo uma análise holística e contextualizada da loja como um espaço de expressão cultural e empreendedorismo negro.

A escolha da Pop Afro como o caso de estudo foi fundamentada em sua relevância para a temática do artigo, uma vez que a loja se destaca por promover o fortalecimento da identidade negra por meio de seus produtos e comunicação visual. Além disso, a localização da loja no Madureira Shopping, uma região significativa para a cultura afrodescendente no Rio de Janeiro, também foi um fator relevante para a escolha, pois amplia a representatividade e o alcance da pesquisa.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

1. Noção de Diáspora, Identidade e Reconhecimento da Negritude

Hall (2003) evidencia que a identidade não é preservada intacta ao longo das migrações, mas atravessada por negociações e transformações culturais. A promessa de retorno funciona como símbolo, mas não impede que a experiência diaspórica produza mudanças concretas nas práticas culturais e sociais.

A revisão da história, nesse caso, é uma estratégia não apenas acadêmica, mas política, de enfrentamento ao racismo e de valorização de sujeitos historicamente silenciados. Isso significa repensar como a memória coletiva foi construída e questionar as bases epistemológicas que sustentaram a narrativa colonial, abrindo espaço para a reconstrução de uma memória positiva que reconheça o protagonismo negro e sua centralidade na formação cultural e social do Brasil. Dessa forma, a diáspora, ao lado da negritude, deve ser entendida como espaço de reelaboração cultural e política, no qual a memória do sofrimento se articula às práticas de resistência e à afirmação de novos modos de existir.

Essa discussão é dinamizada nas análises de Munanga (2004), que aponta como o eurocentrismo estruturou a identidade nacional brasileira, relegando as matrizes negras e indígenas a um lugar de invisibilidade. Esse processo consolidou a noção de que a civilização estaria vinculada exclusivamente à Europa, restando às populações colonizadas o papel de mera imitação. Essa lógica contribuiu para a marginalização das contribuições africanas, reduzidas a um caráter subalterno. Munanga (2019, p.10) amplia essa crítica ao afirmar que

A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra, pois, de fato, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido ao longo da história vítimas das piores tentativas de desumanização, e de terem sido as suas culturas objeto de políticas sistemáticas de destruição. Mais do que isso, tentou-se negar a existência dessas culturas, tal como, nos primórdios da colonização, a África negra foi considerada como um deserto cultural, e seus habitantes, o elo entre o Homem e o macaco.

A negritude, portanto, é menos uma essência biológica e mais uma experiência coletiva de exclusão e resistência diante da violência histórica da colonialidade. Essa formulação revela que, embora marcada pela



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

diversidade cultural dos povos negros, existe uma experiência comum de opressão e marginalização que cria vínculos políticos e sociais entre diferentes comunidades. Essa vivência histórica, associada à luta por reconhecimento e justiça, confere à negritude um papel de articulação entre passado e presente, em que se resgatam tradições negadas, reafirmam-se práticas culturais e constroem-se novas possibilidades de existência. Nesse processo, torna-se fundamental o resgate histórico como instrumento de afirmação identitária e de resistência contra as tentativas de apagamento. Munanga (2012, p.10), afirma que é preciso

ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório.

Munanga (2012) também observa que a construção da identidade negra, impulsionada por migrações e diásporas, deve ser entendida em sua ambivalência: carrega tanto potencial emancipador quanto elementos coercitivos. Nesse campo de disputas, a cultura desempenha um papel decisivo, englobando áreas como artes, religiões, visões de mundo e formas de sociabilidade. Embora muitas vezes reduzidos no imaginário coletivo a força de trabalho primitiva, os africanos deixaram marcas profundas no cotidiano brasileiro, visíveis na música, na linguagem, na religiosidade e nas práticas sociais.

A transformação cultural, nesse sentido, não pode ser ignorada. Ela constitui etapa fundamental para a construção de uma sociedade que se reconheça como plural e heterogênea. Ao valorizar a diversidade resultante das diásporas, é possível reconfigurar narrativas, romper com estereótipos e construir identidades mais autênticas e plurais. Munanga (2019, p.12), reforça essa perspectiva ao indicar que

De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes.

Hall (2003) propõe que a identidade cultural deve ser entendida como um processo em transformação, resultado de interações históricas e sociais. Nesse sentido, as diásporas assumem um papel central, pois representam deslocamentos, forçados ou voluntários, que provocam encontros culturais e, conseqüentemente, a



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ressignificação de tradições. Através desses movimentos, símbolos adquirem novos significados, práticas se mesclam e culturas se reconfiguram.

As diásporas, portanto, não são apenas um fenômeno de dispersão, mas também um campo fértil para a produção de novas formas de identidade. Ao atravessar fronteiras, populações constroem redes culturais que mantêm vínculos com as origens, ao mesmo tempo em que se adaptam a novos contextos. Nessa direção, Hall (2003, pp. 345-346) argumenta que “negro” não deve ser compreendido como uma essência homogênea, mas como um significante que se articula a experiências históricas distintas e a posições sociais específicas. A identidade negra, nesse sentido, não se reduz a uma essência fixa, mas emerge de experiências plurais e múltiplas.

Um outro aspecto ressaltado por Hall (2003) é que determinados discursos sobre a diáspora no Novo Mundo concebem a identidade cultural como algo fixo, impermeável às mudanças impostas pelas migrações. Essa leitura se sustenta na crença de que, mesmo diante da pobreza, do subdesenvolvimento ou da dispersão, permanece viva a expectativa de retorno, pois, como observa o autor, “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (Hall, 2003, p. 28).

Compreender a diáspora e a negritude como categorias dinâmicas permite reconhecer que a identidade negra não é estática nem homogênea, mas fruto de um processo contínuo de deslocamentos, ressignificações e resistências. Ao articular memória e cultura, esses conceitos revelam que o enfrentamento ao racismo ultrapassa o campo da denúncia e se inscreve também na reconstrução ativa de narrativas, saberes e práticas historicamente silenciadas. A valorização das matrizes africanas e afro-brasileiras, portanto, não se limita à preservação do passado, mas projeta possibilidades de futuro, em que a pluralidade cultural seja reconhecida como elemento constitutivo da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, retomar a história e dar centralidade ao protagonismo negro torna-se não apenas um exercício acadêmico, mas sobretudo um ato político de afirmação e de justiça histórica.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

2. Coletivo Pop Afro

De acordo com matéria da Revista Vogue (Mello, 2022), no ano de 2019, a designer Ligia Parreira foi convidada pela administração do Madureira Shopping para conceber uma pop-up³ destinada a reunir talentos negros ao longo de um período de quatro meses. O êxito alcançado pelo empreendimento possibilitou sua continuidade até o presente momento. Em entrevista concedida à mesma matéria, Ligia Parreira relatou que “chamamos talentos que admirávamos e que tinham potencial para se desenvolver no varejo. É mais que um coletivo: é movimento de popularizar e potencializar criadores negros”.

O fato de o convite ter sido necessário indica que os espaços comerciais ainda não estão sendo ocupados por empreendedores negros, revelando a importância de ações afirmativas que estimulem e viabilizem oportunidades para essa comunidade. Nesse contexto, o conceito de racismo institucional, delineado pelo advogado, filósofo e atual ministro dos direitos humanos, Silvio de Almeida, revela-se altamente relevante. Conforme apontado pelo autor, o racismo não se limita a comportamentos individuais, mas é uma manifestação presente nas instituições, que operam de forma a gerar desvantagens ou privilégios com base na raça, mesmo que de forma indireta (Almeida, 2019).

Nesse sentido, Almeida sugere que as instituições funcionam com base em estruturas sociais que são permeadas pelo racismo. Ou seja,

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social [racismo individual] e nem um desarranjo institucional [racismo institucional]. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (Almeida, 2019, p.33).

De modo a aprofundar o debate sobre a existência e estratégia da loja colaborativa Pop Afro e destacar a importância desse agrupamento de pessoas negras empreendedoras, é útil recorrer à ideia de Quilombismo de Abdias do Nascimento (2002). Segundo o autor, o Quilombismo representa genuínos focos de resistência física e cultural, resgatando as contribuições civilizatórias negras e reafirmando a identidade e valor da cultura afrodescendente.

³ Loja temporária.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A constatação fácil do enorme número de organizações que se intitularam e se intitulam Quilombo e/ou Palmares testemunha o quanto o exemplo quilombista significa como valor dinâmico na estratégia e na tática de sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana. Com efeito, o quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente o povo afro-brasileiro por seu profundo apelo psicossocial, cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros (Nascimento, 2002, p.115).

De acordo com a perspectiva de Abdias do Nascimento, a sociedade quilombola representa uma fase de avanço no progresso humano e sociopolítico, caracterizada por princípios de igualitarismo econômico. A loja colaborativa Pop Afro, composta exclusivamente por indivíduos negros, pode ser vista como uma manifestação que transcende a mera situação individual, encontrando inspiração em uma herança ancestral, enraizada nas tradições da sociedade quilombola.

Nesse contexto, a iniciativa da loja torna-se um exemplo contemporâneo que ecoa a busca histórica por igualdade econômica e valorização da identidade negra, em consonância com a visão de Abdias do Nascimento (2002). Dessa forma, a loja se apresenta como um espaço que vai ao encontro de princípios sociopolíticos que remontam a experiências históricas de resistência e luta por justiça social.

Essa conexão entre a Pop Afro e o ideário quilombola reforça a relevância de se considerar a dimensão coletiva e histórica das experiências da população negra, constituindo-se como um empreendimento que carrega uma representação simbólica que vai além da esfera individual. Ao se apresentar como uma loja colaborativa composta por indivíduos negros, a Pop Afro destaca-se como uma manifestação de pertencimento, identidade e continuidade cultural, ao mesmo tempo em que se posiciona em consonância com as ideias de igualdade e valorização preconizadas pelo pensamento quilombola.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

3. Tecendo Identidades: O Design como Aliado da Moda Afro-brasileira

De acordo com Adrian Forty (2007), o design vai além de simplesmente configurar objetos funcionais, pois ela tem o poder de alterar a percepção que as pessoas têm das mercadorias. Nessa perspectiva, o design pode assumir um papel crítico, questionando a lógica restrita do funcionalismo tradicional. Como uma poderosa ferramenta, o design pode exercer influência sobre a forma como a sociedade enxerga as expressões culturais afro-brasileiras, moldando a maneira como elas são percebidas e apreciadas.

É essencial reconhecer que o design não se limita à neutralidade ou à inofensividade. Ele pode tanto contribuir para a valorização e disseminação da moda afro-brasileira como pode ser responsável pela sua cooptação e apropriação cultural e até mesmo por reforçar o racismo estrutural. O design possui o poder de moldar narrativas, estilos e símbolos culturais, o que exige uma abordagem responsável e sensível para evitar a exploração e a banalização dessas expressões culturais ou seu apagamento.

A moda afro-brasileira constitui uma expressão de identidade que ultrapassa o campo das tendências e se afirma como prática social. Ela ressignifica conceitos, tradições e comportamentos, articulando-se tanto aos modos de vida de pessoas com ascendência africana quanto àqueles que reconhecem e se identificam com essas referências culturais. Esse movimento se manifesta nas ruas, em eventos periféricos e em diferentes práticas de resistência.

Essa moda transcende de maneira explícita o simples ato de se vestir; é um ato de afirmação, de celebração e de empoderamento. Ao se apropriarem dos elementos estéticos característicos da moda afro-brasileira, as pessoas encontram uma poderosa forma de expressar sua identidade e conectar-se com suas raízes culturais. Trata-se de um ato de resistência frente às normas estabelecidas pela indústria da moda dominante, que historicamente marginalizou e minimizou as influências culturais afrodescendentes.

No entanto, apesar da beleza e da importância desse movimento cultural, é preciso estar atento aos riscos de apropriação indevida. O design, como veículo de comunicação visual e estética, pode ser tanto uma força unificadora quanto uma força divisora. Ele tem o poder de perpetuar estereótipos e desigualdades, bem como de promover a valorização e o respeito pelas diversas culturas que compõem a sociedade brasileira.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Assim, é fundamental que a moda afro-brasileira seja tratada com respeito e consciência, reconhecendo suas raízes culturais e seu significado mais autêntico. O design, nesse contexto, desempenha um papel crucial na preservação e promoção da diversidade cultural, incentivando a inclusão e a representatividade em suas criações e narrativas visuais. Ao fazê-lo, contribui para a construção de uma sociedade mais justa, plural e respeitosa com suas múltiplas identidades.

O coletivo Pop Afro se torna um poderoso veículo de expressão e afirmação identitária, onde os empreendedores negros assumem uma relevante responsabilidade dentro do ecossistema cultural da moda. Por meio do coletivo, eles encontram espaço para compartilhar suas vivências, crenças, valores e conexões com a ancestralidade, tornando-se agentes ativos na valorização da diversidade e na promoção de mudanças sociais.

No âmbito desse coletivo, a transparência e a valorização da cadeia produtiva são princípios fundamentais. Diante da persistente presença do racismo estrutural, os empreendedores enfrentam a necessidade de justificar os preços atribuídos aos produtos, reafirmando o compromisso com práticas comerciais justas e responsáveis. Ao agir dessa forma, o coletivo contribui para a valorização do trabalho artístico e criativo das comunidades afro-brasileiras e para a desconstrução de estereótipos que ainda permeiam o mercado da moda.

Nesse contexto, o design desempenha um papel crucial como ferramenta de comunicação, representação e construção de narrativas. Por meio da moda afro-brasileira, ele transcende a mera funcionalidade e se torna um veículo de expressão cultural que desafia conceitos estabelecidos e estimula a ressignificação de símbolos, estilos e tradições, como se observa nas Figuras 1, 2, 3, 4 e 5.

Cada uma dessas peças de designers do coletivo Pop Afro traduz, em linguagem visual, referências culturais afro-brasileiras e da diáspora africana. A coleção Super Oyá (Figura 1) evoca diretamente a religiosidade de matriz africana, inscrevendo o orixá como presença estética e política. A nécessaire com símbolos Adinkra (Figura 2) mobiliza um sistema gráfico africano ancestral, ressignificado no contexto contemporâneo como signo de memória e pertencimento. A sereia negra representando Iemanjá (Figura 3) confronta imagens eurocentradas dessa divindade, reafirmando uma representação negra no campo da moda. O vestido com búzios (Figura 4) convoca um elemento sagrado e identitário das práticas religiosas afro-brasileiras, reatualizando sua presença na



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

vida cotidiana. Já o biquíni estampado com o mapa da África (Figura 5) reforça a ancestralidade e a centralidade do continente na construção da identidade negra no Brasil.



Figura 1. Coleção Super Oyá.

Fonte: Instagram Pop Afro



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

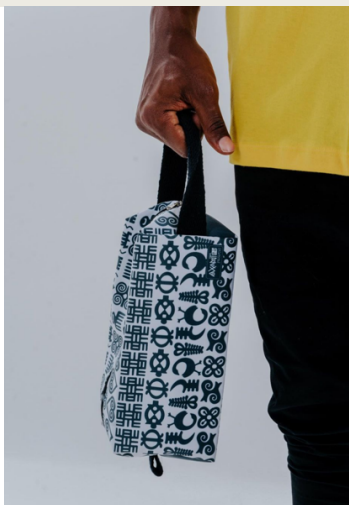


Figura 2. Nécessaire de Adinkras da Axante Presentes.

Fonte: Instagram Pop Afro



Figura 3. Peça com estampas de Iêmanjá representada por uma sereia negra.

Fonte: Instagram Pop Afro



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025



Figura 4. Vestido estampado com Búzios.

Fonte: Instagram Pop Afro

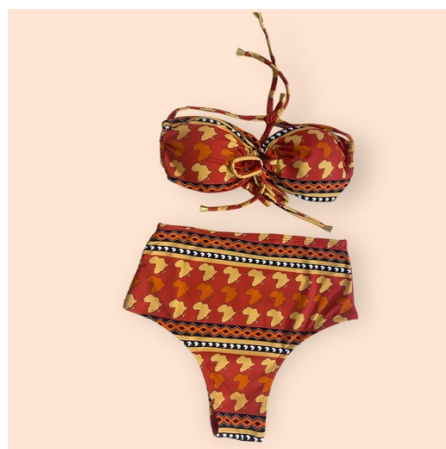


Figura 5. Biquíni estampado com o mapa do continente africano.

Fonte: Instagram Pop Afro

O conjunto de produtos comercializados pela Pop Afro compartilha um elemento comum: a afirmação da cultura afro-brasileira, manifestada tanto na materialidade das peças quanto na comunicação da marca. Essa identidade coletiva tem sido fundamental para a consolidação da loja como empreendimento colaborativo e para sua permanência ao longo do tempo. No contexto da moda brasileira, essas estampas e símbolos não se limitam



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

a aspectos estéticos: eles carregam narrativas de resistência, empoderamento e afirmação de direitos, reposicionando o design como prática política e cultural.

Essa dimensão política pode ser lida à luz de Hall (2006), ao compreender a raça como categoria cultural que organiza sistemas de linguagem, representação e práticas sociais. As criações analisadas, portanto, não apenas comunicam identidades, mas também disputam sentidos em um campo historicamente marcado pelo eurocentrismo, reposicionando a estética negra como eixo de produção de conhecimento e de enfrentamento ao racismo estrutural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A loja colaborativa Pop Afro não apenas se baseia no Quilombismo, mas também promove o fortalecimento dos indivíduos como uma rede de apoio mútuo. O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir de acordo com sua maneira. Por meio desse ambiente colaborativo, os empreendedores negros têm a oportunidade de compartilhar seus talentos, experiências e conhecimentos, gerando um espaço de colaboração e crescimento coletivo e consumo baseado na identidade negra.

Essa rede de apoio mútuo fortalece os indivíduos não apenas em termos emocionais, mas também profissionais e sociais. Além disso, estimula o desenvolvimento de novas ideias e iniciativas, promovendo um ambiente propício ao crescimento individual e coletivo. Assim, o Quilombismo se manifesta como uma estratégia de resistência cultural, empoderamento e valorização das potencialidades individuais, contribuindo para a busca da equidade e justiça social na sociedade contemporânea.

No Brasil atual, símbolos e elementos estéticos como estampas afrocentradas, búzios, mapas da África e signos da religiosidade de matriz africana são mobilizados como formas de expressar a luta por direitos, o empoderamento e a afirmação da identidade negra. Nessa perspectiva, o design pode atuar como mediador de narrativas que potencializam a diáspora africana e contribuem para a ressignificação da raça, no sentido proposto por Hall (2006), funcionando como estratégia de enfrentamento ao racismo estrutural e de fortalecimento das representações negras no campo cultural e social.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

FORTY, Adrian (1986). **Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. (p. 25-50)

MELLO, Paula. **Coletivo Pop Afro, que reúne marcas de criativos negros, completa dois anos**. Vogue (Rio de Janeiro), 4 fev. 2022. Atualizado em 4 fev. 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2022/02/coletivo-pop-afro-que-reune-marcas-de-criativos-negros-completa-dois-anos.html>. Acesso em: 03 set. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Editora Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://pergamumweb.com.br/pergamumweb_ifsp/vinculos/00009c/00009cd5.pdf. Acesso em: 03 set. 2025.

POP AFRO. **Pop Afro Oficial**. Instagram, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/popafrooficial/>. Acesso em: 7 set. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Palmares/ OR Editor Produtor, 2022.